

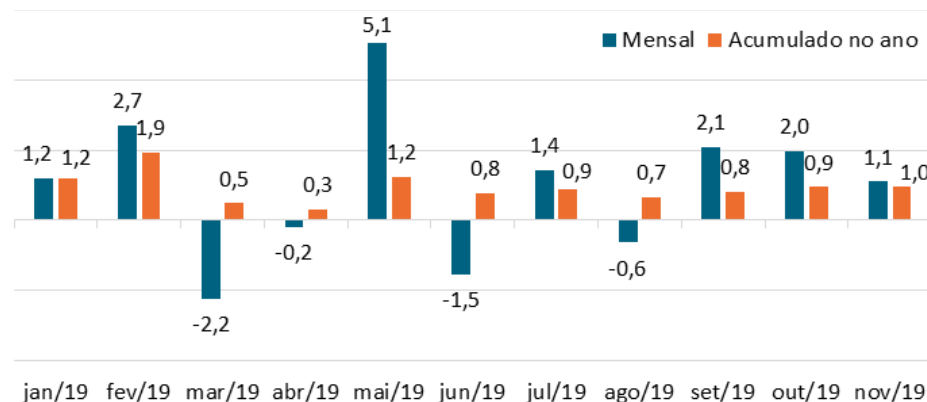


# Boletim Conjuntural Janeiro | 2020

## 1. CONJUNTURA NACIONAL

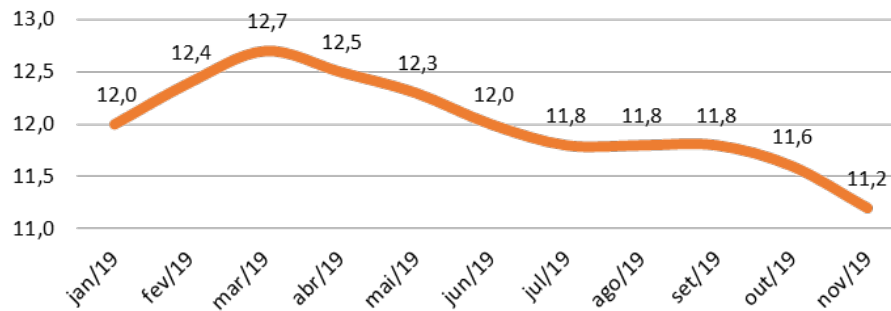
O Brasil iniciou 2020 em clima de maior otimismo no que diz respeito ao desempenho da economia neste ano. O último Boletim Focus divulgado pelo Banco Central (24/01/2020), por exemplo, revela uma expectativa de crescimento do PIB de 2,31%. O FMI também atualizou a previsão de crescimento econômico do país de 2,0% para 2,2%. Todavia, permanece lenta a trajetória da produção de bens e serviços finais. Com efeito, o Índice de Atividade Econômica (IBC-BR) – indicador que antecipa a variação do PIB – revela que o resultado anual acumulado (até novembro de 2019), tendo-se o mesmo período de 2018 como base, indica elevação de apenas 1,0% (**Gráfico 1**). E a previsão divulgada pelo Boletim Focus (03/01/2020), indicava que o ano passado terminaria com uma elevação do PIB de 1,17% – resultado ainda a ser confirmado pelo IBGE. Portanto, tanto o IBC-BR quanto o indicador informado no Boletim Focus sinalizam um crescimento econômico para o país em 2019 ainda inferior ao já modesto crescimento de 1,3% observado em cada um dos dois anos imediatamente anteriores. Número completamente diferente do que se esperava no início de 2019: crescimento bem superior a 2%. Estimativa similar é feita para 2020, como se vê. É torcer para que, agora, o Brasil inicie um processo de crescimento econômico pujante e sustentável, depois de um período de crise sem paralelo na história do país; e, assim, rompa com o decepcionante marasmo de crescimento observado desde 2017 que se seguiu à recessão de 2015-2016.

**Gráfico 1 - Brasil: taxa de variação (%) mensal e acumulada no ano, do índice de atividade econômica (IBC-BR) – janeiro a novembro/2019 (base: mesmo período do ano anterior)**



O mercado de trabalho, em consonância com tal trajetória de desempenho da economia, mesmo apresentando queda na taxa de desocupação ainda permanece distante de um resultado que reduza satisfatoriamente o grave drama social do desemprego. Informações mais recentes, para o trimestre encerrado em novembro de 2019, dão conta de uma taxa de desocupação de 11,2% da força de trabalho – IBGE (PNAD Contínua); ver **Gráfico 2**. Em termos absolutos, o número de desempregados permanece em ainda elevado patamar – 11,9 milhões de pessoas. No mesmo período de 2018 havia 12,2 milhões de desocupados, portanto apenas 300 mil a menos. Por outro lado, quase 2/3 dos indivíduos que, nos últimos doze meses, lograram ter acesso a algum tipo de ocupação, se engajaram em posições informais – sabendo-se que, nesse tipo de engajamento no mercado de trabalho, predominam ocupações de baixa produtividade e baixa renda.

**Gráfico 2 - Brasil: taxa (%) de desocupação das pessoas com 14 anos ou mais de idade (média móvel trimestral) – janeiro a novembro/2019**

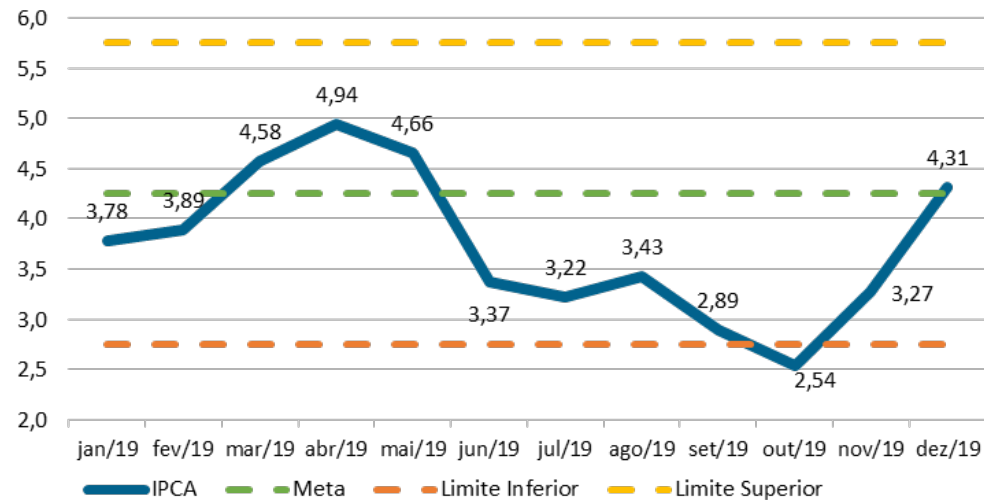


Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.  
Nota: Considera a média móvel trimestral do universo das pessoas de 14 anos ou mais desocupadas e na força de trabalho, sendo o mês de referência tomado como limite superior do trimestre.

Um limitado crescimento do consumo das famílias é um dos efeitos desfavoráveis causados pelo baixo dinamismo da economia e do mercado de trabalho. Gera-se assim um ambiente sem pressão de demanda, o que contribui para evitar maiores pressões por elevação de preços em vários segmentos do varejo e da prestação de serviços. Isso constitui parte importante das razões para uma bem comportada evolução do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), indicador oficial de inflação no Brasil. De fato, mesmo com significativa elevação dos preços da carne, nos dois últimos meses de 2019, o IPCA acumulado em 12 meses, em dezembro de 2019 (**Gráfico 3**), ficou em 4,31% – resultado que põe a inflação em patamar próximo ao centro da meta (4,25%) estabelecida pelo Banco Central.

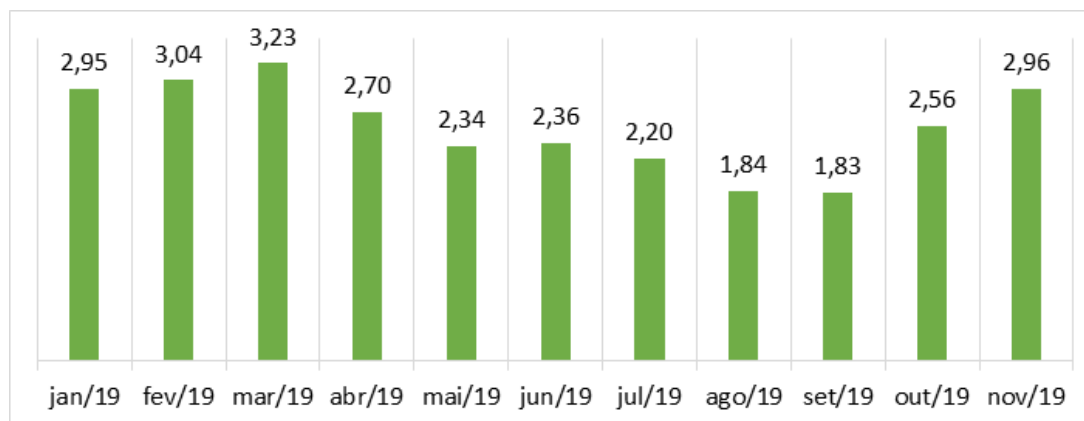
Por outro lado, a massa real de salário – variável-chave para a determinação do poder de compra das famílias – revela, em termos reais, variação positiva (2,96%) no trimestre encerrado em novembro relativamente ao nível registrado em igual período do ano anterior – (Gráfico 4). Tal resultado decorre da evolução positiva do número de ocupados – modesta, é verdade – além de uma inflação sob controle, o que contribui para aumentar um pouco o poder de compra dos consumidores. Portanto, a despeito do baixo dinamismo econômico e do mercado de trabalho, existe algum espaço para aumento do volume de negócios nos segmentos de varejo e de prestação de serviços.

Gráfico 3 - Brasil: taxa (%) de variação do IPCA acumulado em 12 meses – janeiro a dezembro/2019 (base: 12 meses imediatamente anteriores)



Fonte: Sistema Nacional de Preços ao Consumidor/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Gráfico 4 - Brasil: taxa (%) de variação da massa de rendimentos real do trabalho das pessoas de 14 anos ou mais, ocupadas e com rendimento do trabalho (média móvel trimestral) – janeiro a novembro de 2019 (base: mesmo período do ano anterior)



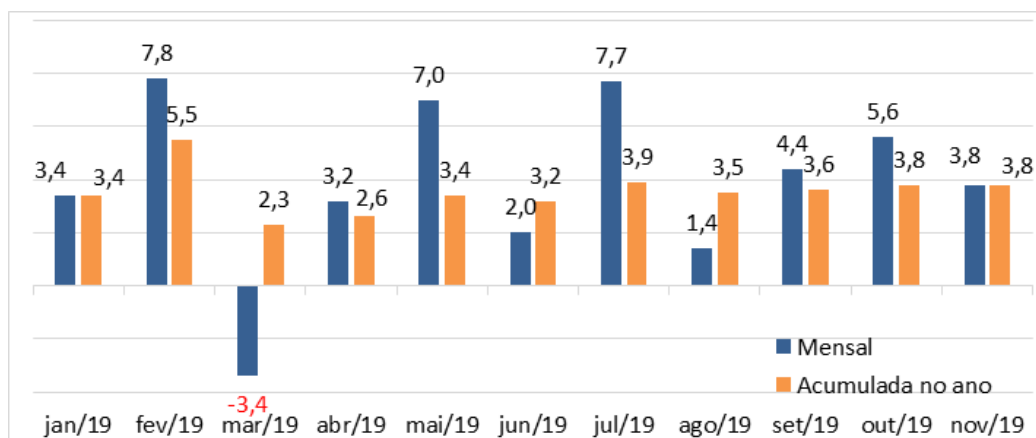
Fonte: IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: O indicador de média móvel trimestral é calculado considerando-se o mês de referência, em cada divulgação, como limite superior. Os valores da série são corrigidos pelo deflator (IPCA) do mês intermediário.

## MANTÉM-SE POSITIVO O DESEMPENHO DO COMÉRCIO VAREJISTA EM 2019

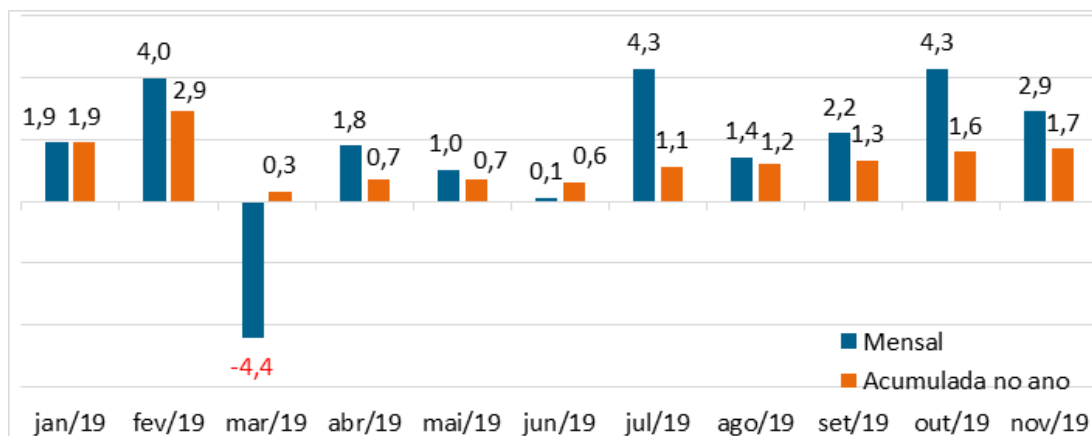
Indicadores da evolução do volume de vendas do **varejo ampliado** – agregado que resulta do acréscimo de ‘veículos, motocicletas, partes e peças’ e ‘materiais de construção’ ao conjunto de segmentos que compõem o comércio varejista propriamente dito – são apresentados no **Gráfico 5**. Trata-se do resultado mensal e do indicador acumulado no ano, medidas também consideradas no caso do **varejo restrito** (**Gráfico 6**).

Gráfico 5 - Brasil: taxa (%) de variação mensal e acumulada no ano do Comércio Varejista Ampliado – janeiro a novembro de 2019 (base: mesmo período no ano anterior)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Gráfico 6 - Brasil: taxa (%) de variação mensal e acumulada no ano do Comércio Varejista – janeiro a novembro/2019 (base: mesmo período no ano anterior)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

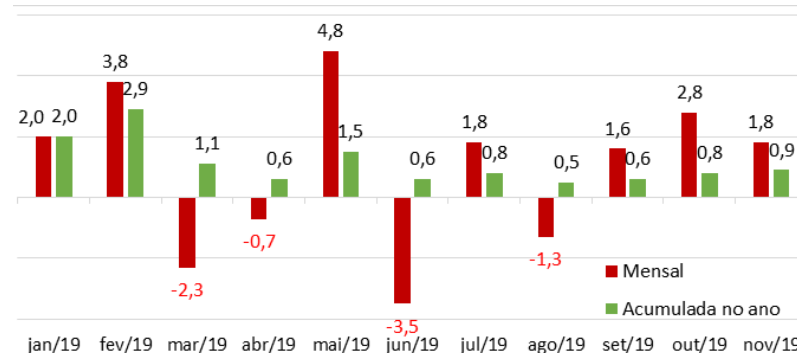
O volume de vendas do comércio varejista no país (nas duas acepções) cresce em novembro de 2019, sendo base de comparação os números referentes ao mês de novembro de 2018. O crescimento, no varejo ampliado, chegou a 3,8%; e no restrito, aumento de 2,9%. Quanto ao indicador do resultado acumulado no ano (janeiro a novembro), confrontado com o período correspondente do ano anterior, observa-se crescimento de 3,8% e 1,7% – para o varejo ampliado e o restrito, respectivamente. O melhor desempenho dos segmentos de automóveis e materiais de construção explica o crescimento mais significativo do varejo ampliado.

O resultado geral é que, nas duas acepções (ampliado e restrito), o varejo continua – como observado em Boletins anteriores – apresentando um volume de vendas (acumulado no ano) que supera o crescimento observado na economia do país como um todo. Situação explicada pelo aumento da massa real de rendimentos que, salvo em eventual caso de maior propensão a poupar por parte das famílias, exerce influência positiva sobre a demanda por bens e serviços.

### DESEMPENHO DOS SERVIÇOS TAMBÉM POSITIVO EM 2019

A melhora registrada no volume de vendas do varejo, em novembro de 2019 – conforme visto na seção imediatamente anterior – se repete no setor de prestação de serviços, com elevação de 1,8% no mês de novembro (base: mesmo mês de 2018), também crescendo o indicador acumulado do ano, com variação positiva de 0,9% (janeiro a novembro), em confronto com igual período de 2018 – **Gráfico 7**. Resultado que se aproxima do modesto desempenho da economia brasileira como um todo, em 2019.

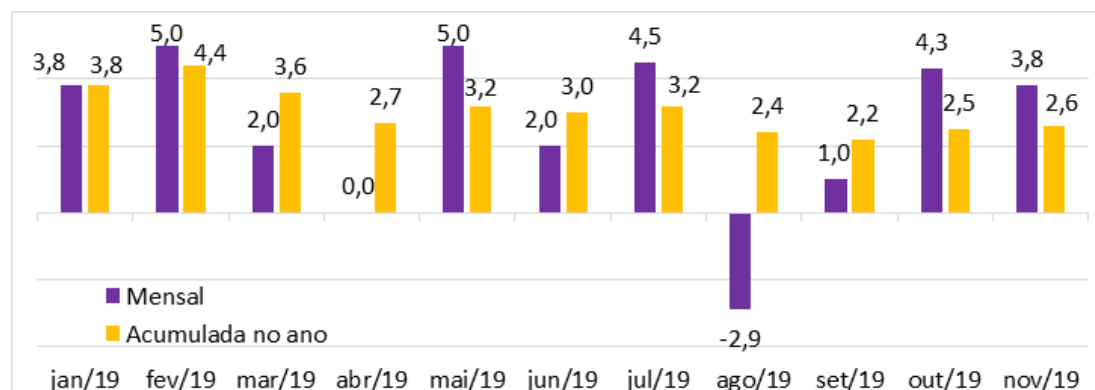
**Gráfico 7 - Brasil: taxa (%) de variação mensal e acumulada no ano do volume de Serviços – janeiro a novembro de 2019 (base: mesmo período no ano anterior)**



## TURISMO: DESEMPENHO POSITIVO EM 2019

Resultado mensal positivo – 3,8% comparativamente ao do mesmo mês de 2018 – é também observado no conjunto de atividades de turismo. De forma análoga, o indicador acumulado do ano (janeiro a novembro) registra crescimento do volume de atividades turísticas (2,6%) – algo significativo, no cenário econômico atual –, conforme ilustrado no **Gráfico 8**.

**Gráfico 8 - Brasil: taxa (%) de variação mensal e acumulada no ano do volume de Atividades Turísticas – janeiro a novembro/2019 (base: mesmos períodos do ano anterior)**



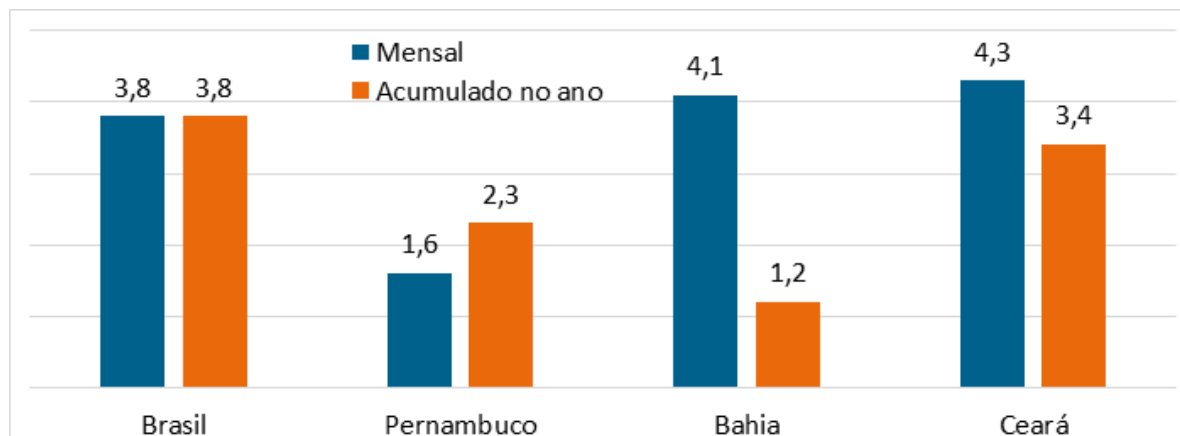
Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Em suma, tanto os indicadores relativos ao volume de vendas do varejo quanto os associados a prestação de serviços, inclusive turismo, revelam variações positivas em 2019 em relação ao ano de 2018. Sendo que os segmentos do varejo e atividades turísticas registram melhor desempenho do que o observado para a economia brasileira no mesmo período.



## 2. COMÉRCIO VAREJISTA E SERVIÇOS EM NOVEMBRO DE 2019: PERNAMBUCO NO CONTEXTO NACIONAL/REGIONAL

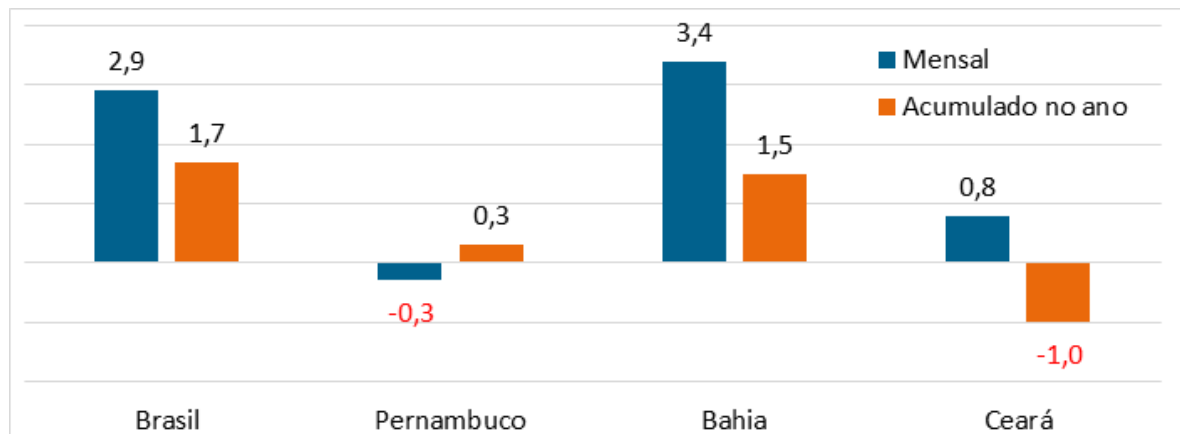
O varejo ampliado (**Gráfico 9**) pernambucano segue, no acumulado do ano (janeiro a novembro), revelando desempenho abaixo do registrado para o similar nacional, tomando-se como base igual período de 2018: crescimento de 2,3% em Pernambuco contra 3,8% no Brasil. O mesmo ocorre em relação ao indicador mensal de novembro: 1,6% em Pernambuco vis-à-vis 3,8% no país.



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

No que diz respeito ao varejo restrito (**Gráfico 10**), o indicador referente ao acumulado do ano, no estado, registra um leve crescimento (0,3%) contra uma elevação nacional de 1,7%. Ademais, o varejo restrito pernambucano tem uma performance negativa no índice mensal de novembro de 2019 (-0,3%) no confronto com igual mês de 2018 – enquanto no país verifica-se um crescimento de 2,9%. Como se vê, em ambos os casos o desempenho do varejo estadual é inferior ao observado em termos nacionais.

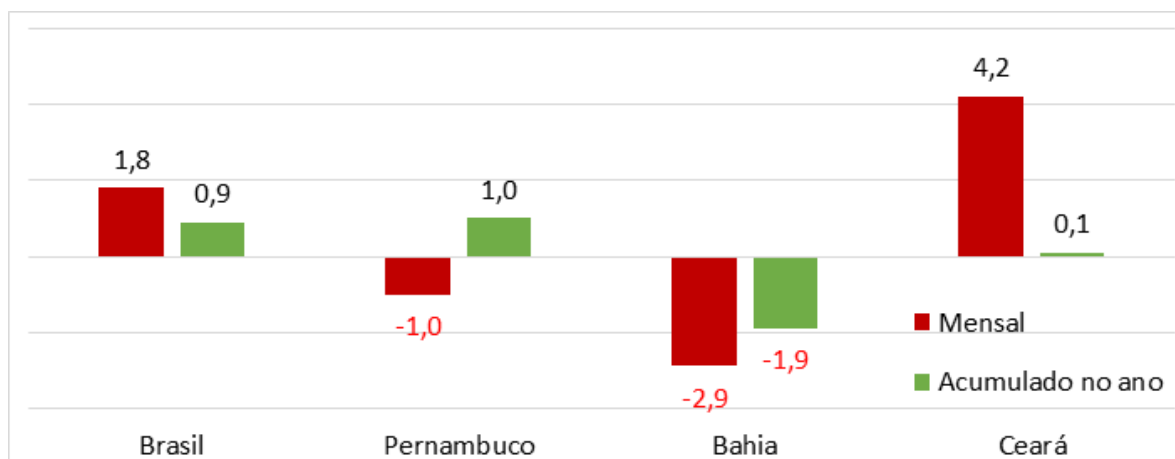
Gráfico 10. Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: taxa (%) de variação mensal e acumulada no ano do volume de vendas no Comércio Varejista – novembro/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

No que diz respeito ao setor de prestação de serviços em Pernambuco, **Gráfico 11**, crescimento de 1,0% no acumulado do ano e decréscimo de 1,0% no resultado mensal de novembro são os números observados. O desempenho de Pernambuco, no resultado acumulado do ano é bem próximo ao observado no âmbito nacional (elevação de 0,9%). Em relação ao resultado mensal, a queda observada em Pernambuco (-1,0%) contrasta com a elevação registrada no âmbito nacional (1,8%). No plano regional, o desempenho do volume de prestação de serviços em Pernambuco, no resultado acumulado do ano (1,0% – já referido) supera o desempenho negativo do estado da Bahia (-1,9%), e também o baixo crescimento do Ceará (0,1%). No geral, um padrão de crescimento bastante modesto.

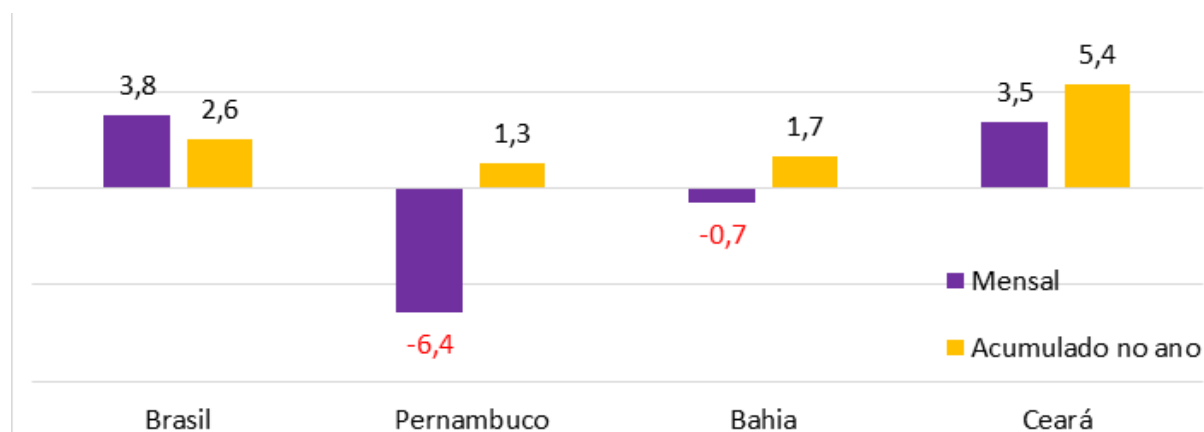
Gráfico 11 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: taxa (%) de variação mensal e acumulada no ano, do volume de Serviços – novembro/2019 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Particularizando-se o segmento de turismo, são outra vez considerados os três principais estados nordestinos, tendo-se em conta a contextualização no espaço nacional. As informações pertinentes ao caso estão sistematizadas no **Gráfico 12**: trata-se do indicador acumulado em 2019 e do índice mensal do volume de atividades turísticas de novembro de 2019 (a base sendo o volume observado em novembro de 2018), mantendo-se similares indicadores para os dois outros estados nordestinos em destaque, e para o país.

Gráfico 12 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: taxa (%) de variação no ano do volume de Atividades Turísticas – novembro/2019 (base: mesmos períodos do ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi

Pernambuco revela, no segmento de atividades turísticas, desempenho positivo no resultado acumulado do ano passado (1,3%) e fortemente negativo no indicador mensal (-6,4%). Isso ocorre em um cenário em que o país como um todo mostra desempenho melhor tanto no acumulado do ano (2,6%), quanto no mês de novembro (3,8%). Em termos regionais, os dados para o Ceará trazem crescimento bem diferenciado para o turismo: 5,4% no resultado acumulado do ano, e 3,5% no indicador mensal referente a novembro. O desempenho da Bahia – 1,7% no acumulado do ano e -0,7% no mês de novembro – também supera o desempenho de Pernambuco. Em suma, no que se refere ao segmento de turismo, o desempenho do estado pernambucano é o mais fraco entre os territórios considerados neste Boletim.

### 3. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

A demorada recuperação da economia brasileira, a partir de 2017, está revelando um panorama em que o desemprego vai se consolidando como um problema cujo enfrentamento requer, cada vez mais, cuidado e esforços. Ocorre que, depois do processo recessivo iniciado em 2014, e aprofundado em 2015-2016, o padrão de crescimento do PIB (estimativas abaixo de 3,0% ao ano, e efetivo crescimento inferior à metade desse patamar) mantém-se aquém do necessário para se obter redução mais expressiva da desocupação da força de trabalho; e ainda sem perspectiva de alçar voo mais alto em médio prazo. De fato, a despeito da redução para o atual nível de 11,6% (pico de 12,7% em março 2019, média móvel trimestral), o desemprego ainda se manterá acima de dois dígitos por um longo período.

Contra esse pano de fundo concernente ao mercado de trabalho, 2020 começou com relativo otimismo – a despeito do fato de que, de 2017 a 2019, o efetivo crescimento do PIB sistematicamente ficou, ano a ano, em patamar bem inferior ao estimado.

Ocorre que a mais recente estimativa do Banco Central para o crescimento do PIB neste ano (2,31%) – referida no início desta Edição do Boletim – mantém-se em patamar próximo ao das estimativas feitas para o crescimento em 2019. Todavia, chegou-se a estabelecer certo clima de otimismo diante da aprovação da reforma da previdência e de promessas de reformas estruturais (administrativa e tributária), além de novo padrão regulatório para o sistema de saneamento e para o setor elétrico, e de promessas de privatizações. E, também, diante do que teria sido um animador aumento do ritmo de crescimento no último trimestre de 2019. Trata-se, na verdade, de informações a serem confirmadas e de concretização de intenções de agentes econômicos com base em redução de incertezas no curto e médio prazo.

Entretanto, mudança de ventos é o que não falta quando se trata de ambiente econômico global e de ambiente de negócios nas mais diversas áreas. E tais mudanças, no país, podem ser inesperadamente afetadas por – inclusive – alterações bruscas no panorama internacional. Observe-se alguns números.

Foi registrado que o volume de vendas do varejo, no país, cresceu, em janeiro a novembro de 2019 (base: igual período de 2018), com maior intensidade do que o PIB brasileiro. Tais resultados foram 3,8% no varejo ampliado e 1,7% no varejo restrito, fato comemorado por agentes do mercado e pelo governo.

Também se anote que a arrecadação tributária da União alcançou R\$ 1,5 trilhão em 2019, a maior em cinco anos. Mesmo incluídas receitas extraordinárias, o resultado também foi objeto de comemoração, até porque – em associação com redução de gastos públicos – contribuiu para que o país fechasse as contas com um déficit primário abaixo do projetado.

Outro indicador que também infundiu expectativas positivas sobre a trajetória da economia brasileira neste ano foi a volta do país ao quarto lugar, no âmbito mundial, como receptor de Investimento Direto Estrangeiro (IDE). Conforme divulgado pelo Investment Trends Monitor (da Agência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento – UNCTAD), o Brasil recebeu, em 2019, US\$ 75 bilhões em IDE – o que representa 25% mais do que o volume absorvido em 2018 (US\$ 60 bilhões). Isso se traduz em novos investimentos e participações em empresas e projetos<sup>1</sup>. A mídia, em geral, atribuiu tal posicionamento do país no ambiente internacional de negócios também a reformas alcançadas (previdência social, privatizações, sinalizações de redução de burocracia – por exemplo). Ademais, põem na conta, perspectivas – para este ano – de reformas nos campos tributário e da administração pública.

<sup>1</sup> Conforme “A volta dos investimentos”, O Estado de São Paulo, Opinião, 27 de janeiro de 2020, 03:00h.  
<https://opiniaao.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-volta-dos-investimentos,70003173795>. Acesso em 27/01/2020.

Cabe ser incorporado ao olhar de cautela a respeito de perspectivas para a economia brasileira no médio prazo, a questão das contas externas, em que o país não está mal, mas um alerta se impõe. O Brasil apresentou, em 2019, um déficit externo (transações correntes) de US\$ 50,8 bilhões (o pior em quatro anos; próximo dos US\$ 54,5 bilhões de 2015) – conforme divulgado pelo Banco Central, em 24/01/2020. O país continua bem posicionado em termos de reservas internacionais (perto de US\$ 360 bilhões), mas o déficit em transações correntes precisa ser observado embora possa também ser interpretado como entrada de poupança externa. Por outro lado, se a desejada recuperação da economia ganhar maior ritmo, importações de matérias-primas, insumos e bens de consumo devem aumentar a pressão sobre o resultado da balança comercial, cujo saldo positivo em 2019 for inferior ao do ano anterior em cerca de US\$ 13,6 bilhões. Claro que o mencionado ingresso de investimento direto estrangeiro mais do que compensa o déficit externo, mas a cada ano depois desse influxo de capital externo, os serviços de capital (remessas de juros, lucros e dividendos), entre outros componentes da chamada renda primária, pesam sobre o balanço de serviços, podendo ampliar o déficit em transações correntes – a depender do resultado da balança comercial.

Ademais, como em economia os ventos podem mudar súbita e rapidamente, o inesperado emerge. Já havia expectativas positivas no âmbito internacional depois que os EUA e a China convergiram para o estabelecimento de acordos comerciais, desanuviando um ambiente contaminado por “guerra comercial”. Também havia acomodação à perspectiva de desaceleração da economia chinesa, cujo crescimento passou de 6,8% em 2018 para 6,1% em 2019. O abrupto surgimento, na própria China, do coronavírus – agente de doença nova e, portanto, ainda não devidamente escrutinada – muda o panorama, dadas as restrições a circulação de pessoas e interrupção ou limitação de diversas atividades econômicas. Outros países, inclusive o Brasil, já estão na quadra de suspeita de pessoas infectadas pelo vírus, o que deixa clara a possibilidade de multiplicação de fatores restritivos à economia, em diversos países – já são 15 os países atingidos (29/01/2020). As bolsas de valores já emitiram sinais fortemente negativos.

E cabe lembrar que a China responsável por 17% da economia mundial é importante parceiro comercial do Brasil, e a desaceleração chinesa pode ganhar maior dimensão face a impactos, já observados, sobre as atividades comerciais, turísticas e industriais em áreas isoladas do país. Compras chinesas de commodities agrícolas e industriais brasileiras podem, assim, sofrer impacto importante. Estima-se, preliminarmente, que uma queda de 1% no PIB chinês deste ano causado pela pandemia possa reduzir o crescimento da economia global em 0,2 %, e o Brasil está, obviamente, incluído nestas perdas.

## BIBLIOGRAFIA

DEPARTAMENTO ECONÔMICO-BANCO CENTRAL DO BRASIL (DEPEC-BCB). **Índice de Atividade Econômica. Novembro/2019.**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

**Contas Nacionais Trimestrais.** Dezembro/2019.

**Pesquisa Mensal do Comércio.** Novembro/2019.

**Pesquisa Mensal dos Serviços.** Novembro/2019.

**Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.** Novembro/2019.

**Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor.** Novembro/2019.

### EXPEDIENTE FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Bernardo Peixoto  
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio:  
Brena Castelo Branco  
Economista: Rafael Ramos  
Designer Gráfico: Nilo Monteiro

---

### EXPEDIENTE CEPLAN-PE

Osmil Galindo | Economista  
Ademilson Saraiva | Economista  
Roberto Alves | Estatístico  
Jorge Jatobá | Economista  
**Tania Bacelar | Economista**



Avenida Visconde de Suassuna, nº265,  
Santo Amaro, Recife-PE | CEP 50050-540  
Tel.: (81) 3231-5393 / 3231-6175  
[www.fecomercio-pe.com.br](http://www.fecomercio-pe.com.br)

